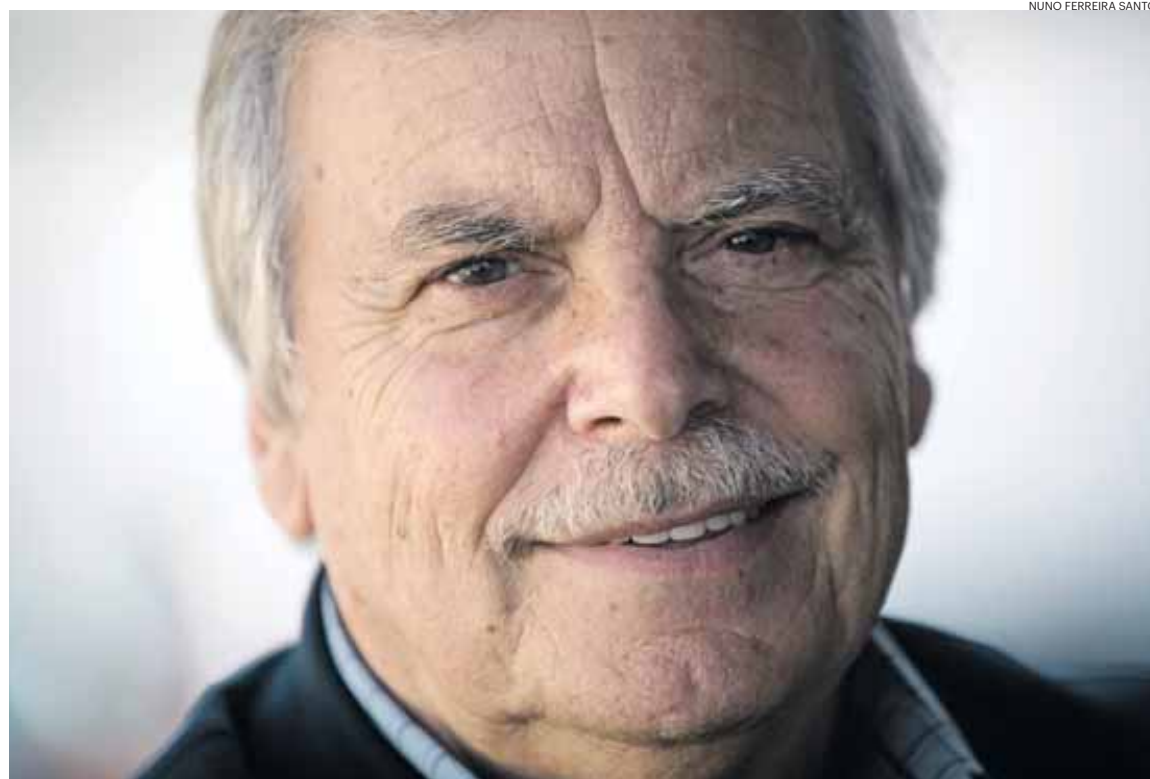


# “Se a esperança faltar, estamos completamente tramados”

**Onésimo Teotónio Almeida** Professor catedrático da Universidade de Brown (EUA), os seus interesses académicos incluem história da cultura e das ideias portuguesas e a ciência no Portugal dos séculos XV e XVI

## Entrevista Teresa Firmino

Nascida há 73 anos na ilha açoriana de São Miguel, vive nos Estados Unidos desde 1972. Depois da licenciatura na Universidade Católica Portuguesa, Onésimo Teotónio Almeida fez o mestrado e o doutoramento em Filosofia na Universidade de Brown, em Providence, onde ensina no Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros, que ajudou a fundar e dirigiu de 1991 a 2003. É autor de vários livros, entre ensaios, crónicas, contos ou teatro. Um dos mais recentes, *O Século dos Prodígios – A Ciência no Portugal da Expansão* (2018), venceu o Prémio Mariano Gago 2019 da Sociedade Portuguesa de Autores, que distingue autores portugueses de livros de divulgação científica. *De Marx a Darwin – A Desconfiança das Ideologias* (2009), *O Peso do Hifen – Ensaios sobre a Experiência Luso-Americana* (2010) e *A Obsessão da Portugalidade* (2017) são só alguns. Nesta entrevista diz o que pensa “sem pára-quebras”. **A questão da identidade faz parte de inúmeras reflexões suas. Considera que a pandemia de covid-19 deixará alguma marca profunda na identidade nas duas margens do seu “rio Atlântico”, a que está tão ligado?** A obsessão da identidade não é propriamente minha. Estudo-a na cultura portuguesa porque a vejo insistentemente presente em livros, ensaios e artigos na comunicação social sobre esse tema. Nos *media*, basta ver as entrevistas com estrangeiros ou com portugueses residentes cá fora. E, claro, tenho a minha experiência de décadas. Estou habituado à pergunta sacramental: “O que se pensa lá fora sobre os portugueses?” E não falta quem no país afite as orelhas a escutar. Não quero atrever-me a vaticinar sobre o que vai acontecer quando ultrapassarmos esta crise que ninguém sabe quando passará, quanto mais o que vai acontecer



NUNO FERREIRA SANTOS

depois. Ficámos todos suspensos, pondo, por enquanto, entre parênteses as nossas convicções teleológicas sobre o progresso e rumos da história. Neste momento, o que se vê é o futuro a parecer andar para trás. Se a história nos ensina alguma coisa, é que, se este vírus não for diferente dos outros, quando ele desaparecer ou puder ser sustido com uma vacina, não demorará a ser esquecido e uma vez mais as famosas lições da história não serão aprendidas. Mas já estou a vaticinar demasiado, muito mais do que queria e devia. **A nível global, a pandemia poderá reforçar uma identidade mais planetária? Afinal, somos todos habitantes da Terra...** Os seres humanos têm muito mais em comum do que por vezes se quer admitir. No meio de todo o barulho sobre a diferença, não faltam estudos sérios, nas diversas áreas das ciências sociais, sobre a quantidade de valores de fundo que as culturas partilham entre elas. As diferenças estão no peso que atribuem a cada qual. Nem todas as

culturas seguem a mesma escala de valores, o que não significa que recusem determinados valores, apenas divergem nas prioridades. Um dos erros de quem escreve sobre questões sociais é não ler bastante do que tem sido escrito por biólogos e pelos cientistas sociais mais atentos à biologia. Falei disso no meu livrinho *De Marx a Darwin*. Existem profundas forças biológicas que atravessam a humanidade independentemente das culturas. Há cientistas sociais que as ignoram porque acreditam que tudo na cultura (isto é, nas estruturas sociais) é construção, que as comunidades humanas são apenas produto da intervenção humana sobre a natureza, negando a esta qualquer influência. É a influência da poesia nas ciências, do pensamento do dever ser, isto é, daquilo que achamos que o mundo deveria ser, sem se querer dar atenção àquilo que ele é de facto. Quanto à globalização, hoje não falta quem se queixe dela. Nós, portugueses, iniciámo-la, mas o resto do mundo aos poucos entrou

“**Se este vírus não for diferente dos outros, não demorará muito a ser esquecido**”

no circuito e hoje qualquer tentativa de fugir a ela parece-me uma utopia utópica, para distinguir das utopias realistas, aquelas por que vale a pena lutar. O que acho curioso é que os portugueses exaltem a globalização que ajudámos a criar em Quinhentos e condenem a globalização contemporânea. Até esquecem que muito recentemente abraçaram a ideia de Europa e dela têm beneficiado em grande. **A desglobalização de que se fala tanto a propósito da covid-19 é então uma utopia utópica? O que são, para si, utopias realistas?** Os ideais da modernidade: acima de

tudo, os da liberdade e da justiça. Depois, tudo o que resulta daí: igualdade, o progresso, a educação universal, a democracia, a tolerância, a ciência. Mas há que ter a noção clara de que nenhum desses valores pode ser tomado em absoluto. Eles estão imbricados uns nos outros e há que se fazer cedências, equilibrar as tensões. **Quando olha para Portugal, que pontos fortes identifica para vencer a covid-19? E os fracos?** Acho que os portugueses em geral se portaram muito civilizadamente. Até aqui pelo menos, pois nos dias mais recentes tem havido alguns desmandos, aliás não diferentemente do que se passa nos EUA. Quando chega o Verão, os portugueses soltam-se e por isso tudo pode acontecer. Em termos nietzschianos, é como se as forças dionísias actuassem durante o dia, por influência do Sol. Quando faço essa generalização, não entro em absolutos. Falo em termos comparativos. A sociedade portuguesa evoluiu imenso nas últimas décadas. Abriu os horizontes, adaptou-se ao mundo de hoje e interiorizou normas das sociedades modernas. Quando ouço os eternos críticos de tudo o que se faz em Portugal, apetece-me dizer: “Olhem, mandem cá para os EUA a dupla Presidente da República/primeiro-ministro que têm aí. A gente agradece.” **Com o confinamento global, não pôde viajar como antes. O seu rio Atlântico é agora um mar?** Pela primeira vez em três décadas não irei a Portugal no Verão e não me vou banhar nos mares açorianos. Vou sentir falta, claro. Mas sou muito positivo e pragmático e nunca acho que algo me seja devido. Olhe, nunca fui à guerra e nesta guerra mandam-me apenas ficar por aqui. Fossem todas as guerras assim. **O seu realismo diz-lhe para já que, depois desta crise passar, tudo voltará ao mesmo, é isso?** Espero que não totalmente. Acredito que haverá mudanças legais a institucionalizarem regras de modo a debelar-se alguns →

## CIÊNCIA



### Só gostava de sugerir aos que têm vandalizado estátuas que se imaginassem eles próprios no momento histórico de figuras como Churchill e se interrogassem: ‘Eu teria feito melhor?’ Aposto que não teriam

dos problemas com que inesperadamente nos confrontámos. Mas basta olhar para o que se está a passar com o desconfinamento. Ainda antes da vacina, o Verão está a fazer com que as pessoas se esqueçam dos riscos e se lancem numa de *carpe diem*. Pelo menos até Setembro ou Outubro. Claro que é mais fácil aceitar o confinamento no Inverno. O pessimismo é apenas um nome mediático para realismo.

**Até que ponto a crise pandémica influenciará as ideologias? Veio valorizar alguma em detrimento de outra – por exemplo, ideias socialistas versus neoliberais, o Estado versus os mercados?**

Nas manifestações por todo o mundo suscitadas pelo movimento Black Lives Matter as pessoas esqueceram-se das normas sobre o distanciamento social. Acharam que a luta contra o racismo era mais importante e vieram aos magotes para a rua. Não vejo a dicotomia socialismo/liberalismo interessar muito no momento presente. A questão do anti-racismo tornou-se quase uma nova religião com a sua ética e a sua inquisição. A história repete-se, mas agora os valores são outros. O grande pecado do mundo moderno é o racismo. Até há pouco era o machismo. Estou a dizer isto como se me opusesse a esses ideais de igualdade social. Não me oponho de modo nenhum. Apenas aponto a semelhança no zelo que cada época põe numa causa em particular. Ter experimentado o tempo em que a grande causa era a justiça para com o proletariado ajuda a compreender e até a tolerar exageros. Os seres humanos não mudam muito. Já houve tempo em que o crime era ter sangue judeu. Outro houve em que era cometer pecados sexuais, o que não desapareceu completamente porque no mundo árabe ainda hoje se morre apedrejada por se ter cometido adultério. Hoje, no nosso antigamente reprimido país, o adultério passou a banalidade. **Depreendo que pensa que a covid-19 não terá influência nas ideologias. Em Portugal, por exemplo, tem-se falado como um serviço de saúde pública foi importante e aguentou bem o primeiro embate da pandemia...** Falo dos EUA. Não vejo nos horizontes grandes mudanças nesse

sentido. Se Trump continuar no poder, é garantido que não haverá alterações. Os democratas serão mais sensíveis porque têm entre os seus eleitores os grupos mais afectados (na verdade, apenas parte deles) e vão tentar voltar pelo menos aos níveis de legislação sobre saúde pública conseguidos por Obama, que Trump só tem destruído. Sobre Portugal, não posso nem devo pronunciar-me. **Com a pandemia, a vida dos luso-americanos complicou-se? O peso do hífen (o hífen de luso-americano) tornou-se maior? Explique-nos este hífen...**

Os EUA estão cheios de comunidades “hifenadas” (há quem prefira dizer hifenizadas). São americanas, mas mantêm ligações com o seu passado. Entre elas, os judeus, os amish, os negros e, naturalmente, os portugueses. Não vejo nada de particularmente diferente nas comunidades portuguesas a esse respeito. Não me parece que quaisquer grandes alterações tenham a ver com a covid-19. Elas aconteceram antes, quando, mais ou menos há uma década, essas comunidades começaram a desvincular-se dos democratas, a que tradicionalmente estiveram ligadas, para há quatro anos se juntarem a Trump por razões supostamente religiosas, especialmente morais, como é o caso do aborto. Mas aí não estamos sós. Acontece o mesmo com um segmento importante dos grupos hispânicos e até com os negros.

**Mas no caso dos afro-americanos ou latino-americanos, o hífen ficou mais pesado com a covid?**

Sim, como as estatísticas mostram claramente, nas bolsas demográficas onde predominam negros e hispânicos o número de vítimas tem dobrado. Pelo menos. O que se passa nessas comunidades nos EUA, porém, não é muito diferente do que acontece em certas zonas dos arredores de Lisboa.

**Como vê a forma como Trump tem desvalorizado a pandemia e a ciência? No Brasil de Bolsonaro passa-se o mesmo...**

Trump tem sido muito pior do que a covid-19. Num artigo, falei mesmo da covid-2016, referência ao ano em que foi eleito. Para ele, não tenho mais palavras, pois já disse tudo. Há três anos usei numa entrevista o

adjectivo “asqueroso”. Mantenho-o. **Mente quase sempre que mexe os lábios.** A questão era saber se o fazia conscientemente. Hoje sabemos que sim. O recente testemunho de John Bolton, que lidou com ele bem de perto e pertence ao mesmo partido, é uma poderosa confirmação do que se suspeitava. Não respeita ninguém nem sequer os que escolhe para colaboradores imediatos; não quer saber de ninguém, a não ser de si mesmo; desdenha a ciência e todos os profissionais... É a maior aberração que já vi em termos de Presidente, e o mistério está em entender-se como é que grande parte do eleitorado não enxerga isso. Mesmo gente séria e que eu respeito. A minha posição não é partidária. Nunca tomei nem tomo posições por serem as defendidas por um partido. Estou mesmo em crer que este surto de violência e protestos nos EUA nunca se teria desencadeado se não fosse o actual ocupante da Casa Branca, que até a instiga. E não me digam que não estou a respeitar a instituição Presidente. Eu respeito-a e por isso falo nestes termos. Quem não a respeita é o próprio Trump. Bolsonaro é um discípulo de Trump e mostra que o bom discípulo consegue ultrapassar o mestre. **A ciência sai valorizada aos olhos dos cidadãos nesta crise?**

Sim e não. Sim, na medida em que uma percentagem grande de pessoas percebeu que, nas famosas conferências de imprensa realizadas na Casa Branca, quem sabia o que estava a dizer era Tony Fauci e não Trump. Tanto assim que elas foram canceladas, porque Trump só se enterrava nas sondagens entre os telespectadores que tinham diante dos olhos a sua desastrosa presença nelas. As pessoas também têm percebido que



**Trump tem sido muito pior do que a covid-19. Mente quase sempre que mexe os lábios**

na ciência há inúmeros debates, desacordos, há muitas realidades ainda desconhecidas e sobre que os cientistas andam à nora, mesmo procurando seguir a mais rigorosa metodologia científica. Mas acrescentarei que cresceu imenso o respeito pelo profissionalismo de milhares de médicos e enfermeiros que continuam a correr riscos sérios. Muitos perderam a vida. **O afro-americano George Floyd foi asfixiado pelo joelho de um polícia branco em Mineápolis em Maio, o que gerou manifestações anti-racismo nos EUA e no mundo. Vê alguma relação entre a forma como a pandemia tem sido gerida e o racismo? Considera que as divisões que vemos na sociedade americana, as desigualdades, a discriminação racial foram exacerbadas pela pandemia?**

O caso George Floyd foi o fósforo na palha seca. Descontentamentos de vária ordem aproveitaram-se de um crime hediondo que toda a gente pôde ver e rever porque foi filmado e pode ser visto em câmara lenta. A horrível cena tornou-se bandeira para se alardear toda a espécie de frustrações. Por um lado, está a servir para que o país e o mundo acordem para o chamado “racismo institucionalizado” e para a importância de o encarar, porque os problemas precisam de ser claramente identificados se queremos resolvê-los.

Todavia, no meio da fúria, intrometem-se grupos extremistas que pedem absurdos como a abolição da polícia (até terem a casa assaltada e não saberem a quem pedir socorro). No meio da vaga de protestos que hoje explodem por todo o lado, as pessoas esquecem-se de que nos EUA os negros têm nas últimas décadas – e muito justamente, diga-se – obtido conquistas impensáveis há meio século. Muitas vezes nem são eles a liderar a luta, mas os próprios brancos – basta olhar para as fotos das manifestações e ver a alta percentagem de brancos marchando em favor dos negros. Isso nada tem a ver com o movimento dos direitos civis na década de 60, quando os líderes e o grosso dos manifestantes eram negros, a que se foram juntando algumas figuras brancas. O Minnesota é um dos mais brancos



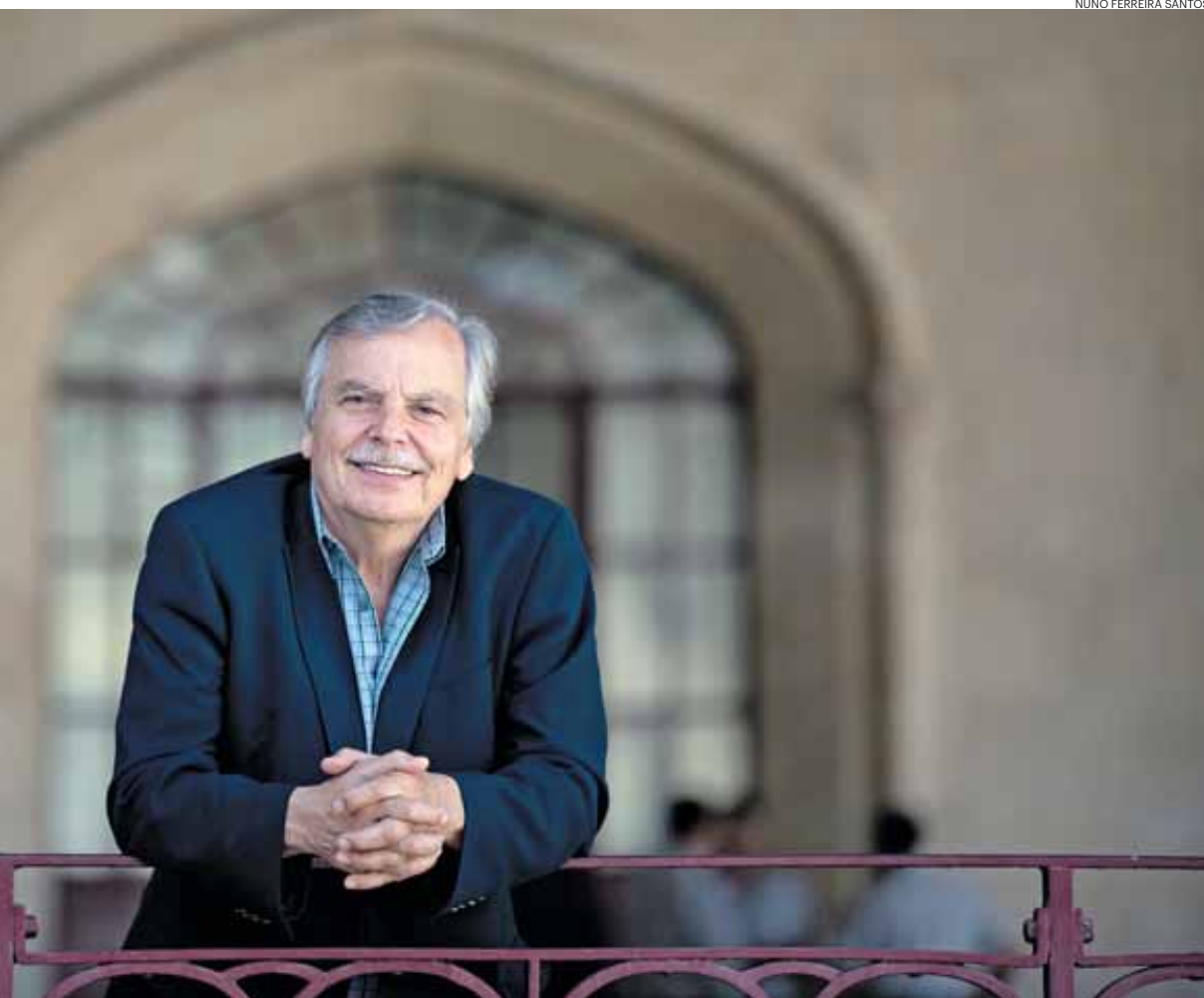
estados dos EUA. Quer dizer que nem foi no Sul que a presente luta começou. Esta diferença abissal tem sido ignorada por quem comenta de fora dos EUA.

Mas há mais: nos últimos 60 anos a legislação americana tem protegido os negros de uma maneira impensável nas décadas anteriores. São os próprios líderes negros que o reconhecem e muitos deles ocupam lugares de destaque nos EUA, pois eles estão e são visíveis nos mais destacados lugares, desempenhando magnificamente as suas funções sem se levantar a questão racial. Um deles chama-se Obama. Conhecem um Presidente europeu negro? O que tem sido conseguido através do programa *Affirmative Action* não acontece em mais parte nenhuma do mundo. O que as universidades têm feito para atrair alunos e professores negros não tem paralelo em nenhum país que eu conheça e gostaria que me demonstrassem que estou errado.



Quando ouço os eternos críticos de tudo o que se faz em Portugal, apetece-me dizer: ‘Olhem, mandem cá para os EUA a dupla Presidente da República/primeiro-ministro que têm aí. A gente agradece’

NUNO FERREIRA SANTOS



Nada disto, fique bem claro, significa que não haja ainda imenso a fazer. No universo dos abusos da polícia, por exemplo, e sobretudo. Mas é cego e injusto repetir-se que nada se aprendeu com a luta dos direitos civis. São os próprios negros que o dizem e muitos deles estão calados porque preferem não falar para não serem acusados de trair o seu grupo étnico.

**Para ficar mesmo claro: não é tanto o movimento Black Lives Matter que lhe parece um exagero, mas o aproveitamento que se está a fazer dele?**

Sim, os grupos que se intrometem para conseguir os seus objectivos. Referi o caso da suspensão do financiamento à polícia. Mas poderia acrescentar algo que hoje é politicamente incorrecto. Não se pode culpar só os brancos por tudo o que acontece nas comunidades negras. Mas aí não devo ser eu a falar. Dêem tempo de antena aos próprios negros. Não só eles sabem

melhor do que eu, como lhes assiste uma autoridade que nunca terei nem reclamarei para mim.

**No livro *O Século dos Prodígios, fala do contributo da expansão marítima portuguesa (entre os séculos XV e XVI) para a aurora da ciência moderna (no século XVII), com a descoberta de terras, gentes, plantas, animais. Mas também houve crimes na expansão marítima da Europa. Que lições tiramos para o bem e para o mal desses tempos?***

Isso é inegável, quer queiramos, quer não. Nunca disse nem direi que não se cometeram erros e atrocidades graves. Mas primeiro acrescentarei que o grande período dos avanços científicos dos Descobrimentos aconteceu até ao momento da chegada à Índia, quando a escravatura era apenas um quase apêndice. A escravatura torna-se uma instituição depois. A segunda viagem de Vasco da Gama à Índia altera completamente o

cenário, no entanto ainda aí a questão nem sequer era a escravatura, mas a continuação da luta contra os muçulmanos, que agora passava a ter lugar no Índico. O meu livro ocupa-se da primeira fase, não da segunda, e muito menos da que veio bastante depois, a do comércio de escravos para as Américas. Há quem não perceba estas diferenças, todavia a culpa não é minha. Faz bem à saúde mental das comunidades ler-se e estar-se informado antes de se falar.

Tudo na história tem o seu lado positivo e negativo. O avião é um progresso, mas polui a atmosfera. O iPhone é magnífico porque nos liga aos amigos pelo mundo inteiro, mas diminui a comunicação em família. A faca serve para cortar pão e batatas, mas também para ser espetada no coração de alguém. Na vida tudo foi, é e será assim. Não são as invenções ou descobertas que em si são más, mas o uso que delas fazemos. Não houve nenhuma

maldade na descoberta de que afinal se podia passar além do equador sem os barcos serem sorvidos por um abismo. Nada disso foi conseguido graças à escravatura, nem implicou comércio de escravos, ou levou sequer a fazer prever que algumas décadas depois os barcos iriam cruzar os mares repletos de escravos como mão-de-obra barata. Misturar as duas coisas é ser contra o casamento porque grande parte dos casamentos desemboca em divórcio. E, no entanto, estes raciocínios circulam por aí impunes e com largo tempo de antena. Durante séculos explorámos a faceta pior dessa aventura de Quatrocentos e Quinhentos. Deixámos de apoiar a ciência e os países do Centro e Norte da Europa tomaram a vanguarda. Nestas últimas décadas, estamos a tentar recuperar. Não a vanguarda, porque isso seria a tal utopia utópica; mas procuramos ganhar algum terreno. E temos conseguido. Todavia, são os próprios cientistas que se queixam de não ser ainda bastante. Enveredámos pelo lado da exploração fácil; socorremo-nos da escravatura e do colonialismo para obter lucros económicos. Desde o 25 de Abril que estamos a tentar ilibar-nos do nosso passado sujo.

Não tem sido fácil porque as marcas nos penetraram mais fundo do que queremos admitir. No entanto, gostaria de deixar claro que não sou unilateral neste processo. Acho muito bem que se bata no peito pelos nossos erros nesse domínio, mas isso não nos deve coibir de condenar também o que hoje acontece nas antigas colónias. É simplório dizer que aprenderam connosco a ser colonialistas.

**Têm sido vandalizadas estátuas de figuras ligadas ao passado colonial – de Colombo nos EUA, Churchill no Reino Unido ou do padre António Vieira em Portugal. O que lhe parece isto?**

Nada de novo sobre o solo. Foi sempre assim. Nos anos da Reforma protestante, com as imagens; o derrube de estátuas e monumentos foi comum nas revoluções Francesa, Russa e, para não fugirmos muito de casa, nas portuguesas (a da implantação da República e a do 25 de Abril). Bonito não é, mas as estátuas estão carregadas de

## Portugal... e depois da pandemia?

Série de dez entrevistas.  
Amanhã: António Silva Graça

 **Acompanhe em**  
publico.pt

simbologia e expõem-na e propagam-na publicamente em lugares proeminentes. Nos períodos de revolta há sempre os gestos emotivos, irreflectidos, brutais, muitas vezes de arruaceiros ignorantes que se aproveitam para dar rédea solta às suas frustrações destruindo. Estamos perante um comportamento mais do que conhecido, que atravessa as culturas. Só gostava de sugerir aos que têm vandalizado estátuas e monumentos que se imaginassem eles próprios no momento histórico de figuras como Churchill, que encarnassem o seu papel e se interrogassem: “Eu teria feito melhor?” Aposto que não teriam. Os grandes heróis não são santos. Distinguiram-se por actos muito acima da mediania do seu tempo, fizeram avançar o processo histórico. Só falta agora acusarmos Camões por não ter usado um computador. Se este argumento é ridículo, é logicamente equivalente a querer que ele deixasse de ser do seu tempo e virasse nosso contemporâneo. Temos de admirá-lo é pelo que na sua vida fez para transcender o seu meio. Aprendam com ele. E com outras figuras em períodos mais difíceis, como os que tiveram de lidar com a Inquisição, incluindo o padre António Vieira. Não faltam por aí valentões corajosos que se expressam livre e impunemente graças às vitórias conseguidas por muitos dos antepassados que hoje são acusados de não serem suficientemente modernos. Falam porque estão protegidos pelo duramente conquistado direito à liberdade de expressão. No entanto, gostaria de vê-los borrarem-se de medo diante de um tribunal da Inquisição.

**O que lhe dá hoje esperança?**  
Não se pode perdê-la. Se ela faltar, se deixarmos de olhar para o futuro com olhos de quem acredita que é possível melhorá-lo, estamos completamente tramados. Quando era adolescente, aprendi do meu querido professor monsenhor Lourenço uma máxima que ele nos repetia com inconfundível humor: “Em tempo de guerra, um soldado nunca deve perder a cabeça, senão não tem onde pôr o capacete.”

teresa.firmino@publico.pt